

A Colocação do Pronome Clítico na Fala do Dialeto Mineiro

Wisla M. A. C. Ferreira¹, Mônica G. R. de Alkmim¹

¹UFOP

Ouro Preto, MG, Brasil

wisla_madaleni@hotmail.com, mralkmim@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho apresenta os resultados de um estudo sobre a colocação dos pronomes clíticos na fala do Dialeto Mineiro. Lançamos mão da Teoria Variacionista (Labov, 1972) para nortear o estudo. Buscamos, também, o conjunto de regras prescritas pelas gramáticas tracionais para a descrição da colocação dos referidos pronomes na norma culta, a fim de testar a utilização dessas regras no *corpus* selecionado. Os resultados demonstraram a existência de certas diferenças entre a *prescrição* e *uso*, no que tange à colocação do pronome clítico.

0 INTRODUÇÃO

A colocação dos pronomes oblíquos átonos (*me, te, o, a, lhe, se, nos, vos, os, as, lhes*), também denominados de clíticos, no Português Brasileiro (PB) é um problema clássico encontrado por aqueles que tentam descrever a língua falada no Brasil, ministrar cursos sobre a língua portuguesa, ou ainda, apenas aprender o português como segunda língua.

Essa questão já foi objeto de estudo tanto por parte de grandes filólogos e gramáticos (Said Ali(1957); Rocha Lima (1980); Cunha e Cintra (1985); Bechara (1999), dentre outros), como de linguistas (Galves e Abaurre (1996); Duarte (1986); Lobo (1992); Lucchese e Mota (1991); Pagotto (1992); Nunes (1993); Schei (2003), dentre outros).

Partimos do pressuposto de que a colocação do pronome no PB difere não somente do modelo do Português Europeu (PE), como também do modelo apresentado nas gramáticas tradicionais. Essa diferença entre a *prescrição* e o *uso* é grande no português falado, mas, no entanto, já pode ser também percebida no português escrito (Schei, 2003).

1 OBJETIVOS

O objetivo geral do presente trabalho é apresentar uma análise variacionista da colocação do pronome átono na fala do Dialeto Mineiro, lançando mão de vários *corpora*, formados por entrevistas sociolinguísticas, com falantes nascidos nas cidades de Mariana, Ouro Preto e Belo Horizonte.

Os objetivos específicos são os seguintes: (i) apresentar uma descrição das ocorrências de colocação dos pronomes átonos nas orações do *corpus*; (ii) verificar possível diferença entre a *prescrição* das regras de colocação do pronome átono apresentadas pelas gramáticas tradicionais (GTs) e o *uso* das mesmas na fala corrente de falantes marianenses, ouropretanos e belorizontinos; (iii) testar, nos *corpora* selecionados do Dialeto Mineiro, hipótese de Schei (2003) de que a colocação do pronome átono no PB difere do modelo apresentado nas Gramáticas Tradicionais. Tal diferença do *uso* e da *prescrição* seria, de acordo com a autora acima citada, grande no português falado e também já poderia ser percebida no português escrito nas cartas pessoais, revistas, jornais e até na literatura.

2 METODOLOGIA

Para a realização das investigações aqui propostas, fizemos um levantamento no acervo de entrevistas sociolinguísticas do Instituto de Ciências Humanas e Sociais ICHS/UFOP, para a formação do *corpus* pretendido. Foram utilizadas, ainda, entrevistas do *corpus* do projeto *A construção de um dialeto: o mineirês belo-horizontino*².

Foram escolhidas 70 entrevistas de informantes do sexo feminino e masculino, de cinco faixas etárias, a saber: criança I (05 a 11 anos), criança II (12 a 18 anos), jovem (19 a 30 anos), adulto (31 a 59 anos) e idoso (60 anos ou mais).

Após a escolha do *corpus*, levantamos todas as ocorrências de colocação do pronome átono nas transcrições das 70 entrevistas selecionadas.

O próximo passo foi a análise de todas as 525 colocações do referido pronome encontradas no *corpus* e posterior classificação das estruturas em: a) **Padrão**, isto é, aquelas que estão de acordo com a GT e b) **Não Padrão**, aquelas que não estão de acordo com a GT. Para essa classificação, foram utilizadas as regras das gramáticas tradicionais descritas no item 2.1 desta seção. Foram considerados doze ambientes sintáticos, com base nas referidas regras.

Por fim, todos os casos analisados foram codificados e submetidos à análise variacionista, utilizando-se o Programa GoldVarb 2001, a fim de tratá-los estatisticamente.

2.1 Ambientes Sintáticos Investigados

1º Contexto: após pausa

De acordo com Rocha Lima (1998), havendo pausa, impõe-se a ênclise.

(1) “Aqui, /não há preconceitos filosóficos; aqui, /não há distinções religiosas; aqui/ não há desigualdades raciais; aqui, / estuda-se, trabalha-se com amor. Bem, / luta-se ou não se luta? (ROCHA LIMA, 1998, p. 452)

2º Contexto: próximo de palavra negativa

Nos contextos que aparecem palavras negativas, a próclise é obrigatória, conforme verificamos em Cunha e Cintra (2001):

(2) Não lhes dizia eu? (M. Sá-Carneiro, CF, 348).

3º Contexto: próximo de advérbio

Para os contextos em que aparece um advérbio, Cunha e Cintra (2001:312) dizem: “a língua portuguesa tende à próclise nominal quando o verbo vem antecedido de certos advérbios” e listam alguns advérbios: “bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez, etc.”. Ao dizer “certos advérbios” Cunha e Cintra nos dão a ideia de que não são todos. Mas, as palavras de Bechara (2009:589) desfazem a dúvida: “Não se pospõe pronome átono a verbo modificado diretamente por advérbio”.

(3) Sempre me recebiam bem. (BECHARA, 2009, p.589).
Assim, consideramos todos os advérbios como ambiente de próclise.

4º Contexto: em orações subordinadas

Rocha Lima (1998) e Cunha e Cintra (2001) trazem a próclise como sendo obrigatória nas orações subordinadas:

(4) Quando o recebo em minha casa, fico feliz

5º Contexto: com as formas de infinitivo

Para os contextos com infinitivo, Rocha Lima (1998) diz:
1 A regra geral é a ênclise:

(5) Viver é adaptar-se

2 É, contudo, facultativa a colocação do pronome, quando o infinitivo, na forma não flexionada, estiver precedido de preposição ou palavra negativa.

(6) Estou aqui } para servir-te
ou
para te servir

(7) Meu desejo era } não o incomodar
ou
não incomodá-lo

Rocha Lima (1998) ainda salienta que a ênclise é, todavia de rigor, se o pronome for *o (s)* ou *a (s)*, e o infinitivo vier regido da preposição *a*:

(8) Estou inclinado a perdoá-lo

6º Contexto: com gerúndio

Para a colocação do pronome complemento de gerúndio, Saïd Ali prescreve: “Coloca-se o pronome átono sempre após o gerúndio, exceto se este vem regido de *em* ou se acha precedido de advérbio negativo ou modal que o modifique diretamente”.

(9) Em o vendo logo foge.

7º Contexto: com partículas QU

Segundo Luft (2002:39), deve-se usar próclise com as partículas QU - pronome relativo, interrogativo, exclamativo e conjunções subordinativas:

(10) Quem te viu?

(11) Quantas horas se perdem!

8º Contexto: em locuções verbais

Para os contextos em que o pronome aparece em uma locução verbal, Rocha Lima (1998) prescreve:

I) AUXILIAR + INFINITIVO

Há quatro possibilidades:

a) Ênclise ao infinitivo:

(12) O presidente quer falar-lhe ainda hoje.

b) Ênclise ao auxiliar:

(13) O presidente quer-lhe falar ainda hoje.

c) Próclise ao auxiliar:

(14) O presidente lhe quer falar ainda hoje.

d) Próclise ou ênclise ao infinitivo precedido de preposição:

(15) Jamais deixei de ajudar-te ou Jamais deixei de te ajudar.

II) AUXILIAR + GERÚNDIO

São três as posições:

a) Ênclise ao gerúndio:

(16) As visitas foram retirando-se.

b) Ênclise ao auxiliar:

(17) As visitas foram-se retirando.

c) Próclise ao auxiliar:

(18) As visitas se foram retirando.

III) AUXILIAR + PARTICÍPIO

a) Ênclise ao auxiliar:

(19) Os alunos tinham-se levantado.

b) Próclise ao auxiliar:

(20) Os alunos se tinham levantado. (ROCHA LIMA, 1998, p.453)

9º Contexto: com o futuro do presente / pretérito

Para os contextos com verbos no futuro do presente e futuro do pretérito, Bechara (2009) diz que não se pospõe pronome átono a verbo no futuro do presente e futuro do pretérito (condicional). Coloca-se o pronome átono próclítico ou mesoclítico ao verbo.

(21) Teodomiro recordar-se-á ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico... (AH. 1,60)

10º Contexto: em início de oração

Para os contextos de início de frase, Luft (2002) prescreve que a ênclise “é também de norma no início de frase, em linguagem culta formal, em escritos de erudição e estilo elevado”.

(22) Dividem-se opiniões... (LUFT, 2002, p.39)

11º Contexto: em orações coordenadas sindéticas

Segundo Rocha Lima (1998), nos contextos em que o pronome aparece em orações coordenadas sindéticas, deve ocorrer ênclise:

(23) Ela chegou e perguntou-me logo pelo filho.

No entanto, “por puro arbítrio, ou gosto, pode ocorrer a anteposição, salvo quando se tratar de início de período”. (ROCHA LIMA, 1998, p.451)

12º Contexto: em contextos em que não há o que a GT convencionou como “atratores de próclise”

Os contextos que não apresentam o que a GT convencionou de “atratores” de próclise são os que a ênclise é considerada, conforme Luft (2002), “a colocação básica, normal, ao menos na língua culta. Corresponde ao seu lugar na sequência Verbo+complemento= conhece o livro: conhece-o”. (LUFT, 2002, p.39)

3 ANÁLISE DOS DADOS

A fim de corroborar a hipótese inicial de Schei (2003) de que a colocação do pronome átono no PB difere do modelo apresentado nas gramáticas tradicionais, apresentamos os resultados obtidos após a análise estatística no programa GoldVarb 2001.

Das estruturas utilizadas pelos falantes contendo clíticos, 75% não estavam de acordo com a GT .

Considerando os fatores aqui analisados, podemos tentar responder a duas questões: 1) a variante padrão está mais presente na fala dos homens ou das mulheres? e 2) Qual a faixa etária que utiliza, no corpus analisado, com mais frequência a forma padrão?

Para responder à primeira pergunta, vamos considerar o número total de estruturas analisadas na fala das mulheres e dos homens, como nos mostra a tabela abaixo.

Tabela 1: Relação entre sexo e classificação das estruturas

	HOMEM	MULHER
Padrão	55 = 26%	84 = 27%
Não Padrão	157 = 74%	229 = 73%
TOTAL	212 = 100%	313 = 100 %

De acordo com a tabela 1, podemos afirmar que não houve diferença significativa ente a frequência de uso de homens e mulheres com relação à colocação do pronome clítico.

Para responder à segunda pergunta é preciso considerar o número total de ocorrências para cada faixa etária do corpus, como é apresentado na Tabela 2:

Tabela 2: Relação entre faixa etária e classificação das estruturas

	CRIANÇA I	CRIANÇA II	JOVEM	ADULTO	IDOSO	TOTAL
Padrão	21 = 17%	11 = 13%	29 = 32%	43 = 36%	35 = 33%	139
Não Padrão	106 = 83%	71 = 87%	62 = 68%	77 = 64%	70 = 67%	386
TOTAL	127 = 100%	82 = 100%	91 = 100%	120 = 100%	105 = 100%	525

A tabela 2 nos mostra que a faixa etária que utiliza com mais frequência a variante padrão é a dos adultos, seguida da dos idosos. Logo em seguida vem a dos jovens. As crianças (I e II) apresentam porcentagens muito inferiores a das outras faixas etárias.No entanto, as crianças (I e II) são as faixas etárias que mais utilizam a variante não padrão.

É interessante observar que, pelos resultados obtidos, não há indicativo de mudança em progresso, isto é, os idosos não utilizam com mais frequência a variante padrão.

Na tentativa de mostrar o refinamento da análise realizada no presente trabalho, fizemos o cruzamento dos dados (sexo e faixa etária), cujos resultados são apresentados na Tabela 3:

Tabela 3: Sexo x Faixa Etária

	HOMEM	MULHER
CRIANÇA I	Padrão: 4 = 8%	Padrão: 17 = 22%
	Não Padrão: 46 = 92%	Não Padrão: 60 = 78%
CRIANÇA II	Padrão: 5 = 13	Padrão: 6 = 14%
	Não Padrão: 33 = 87	Não Padrão: 38 = 86%
JOVEM	Padrão: 19 = 42%	Padrão: 10 = 22%
	Não Padrão: 26 = 58%	Não Padrão: 36 = 78%
ADULTO	Padrão: 10 = 23%	Padrão: 33 = 43%
	Não Padrão: 34 = 77%	Não Padrão: 43 = 57%
IDOSO	Padrão: 17 = 49%	Padrão: 18 = 26%
	Não Padrão: 18 = 51%	Não Padrão: 52 = 74%

A Tabela 3 apresenta alguns resultados interessantes. Entre os falantes adultos, as mulheres utilizam a colocação do pronome clítico de acordo com a GT em 43% dos dados pesquisados, enquanto os homens apenas em 23%.

Quando comparamos os resultados da faixa etária de 05 a 11 anos, aqui denominada crianças I, observamos que as mulheres utilizam as regras prescritas pelas gramáticas normativas em 22 % dos casos investigados, e os homens em apenas 8 % das ocorrências.

Comparando as estatísticas para a faixa etária crianças II – 12 a 18 anos – verificamos que o uso **Padrão** é bem próximo entre mulheres e homens, 14% e 13%, respectivamente.

Para a faixa etária dos jovens, aqui estipulada entre 19 e 30 anos, os resultados percentuais diferem do que ocorreu com as demais faixas etárias – criança I, criança II e adulto. Percebemos que as mulheres utilizam em menor percentual as regras prescritas pela gramática normativa, 22 %, já os homens as utilizam em 42 % das ocorrências analisadas.

Seguindo a dinâmica para a faixa etária dos jovens, percebemos que os homens idosos utilizam as regras de acordo com a GT em 49 % dos casos classificados, enquanto as mulheres utilizam a colocação do pronome clítico de acordo com a GT em 26 % das ocorrências pesquisadas.

Esses resultados levam-nos à discussão acerca da interferência das variáveis faixa etária e sexo na colocação do pronome clítico. Não podemos afirmar que as mulheres utilizam em maior número as regras prescritivas de acordo com a GT, e do mesmo modo não podemos fazê-lo a respeito dos homens. Temos que, para cada faixa etária, um dos sexos – masculino ou feminino – assume o maior ou menor número de utilização do pronome clítico de acordo com as regras prescritas pela gramática normativa. Isso nos leva a pensar que a utilização do pronome clítico em desacordo com a gramática normativa não é um desvio da norma padrão estigmatizado, uma vez que as mulheres, consideradas mais cuidadosas com a fala, já utilizam tal colocação.

A seguir, apresentamos alguns resultados considerando os ambientes sintáticos onde a *prescriçãoluso* do clítico apresenta diferença significativa:

- 1) O uso da próclise após pausa é característico da fala. Em um total de 31 ocorrências, apenas 6 estavam de acordo com a prescrição (19%).
- 2) O uso do clítico em estruturas com infinitivo e gerúndio e em orações sindéticas, no corpus analisado, não estava de acordo com a prescrição das regras em 90% dos casos.
- 3) O clítico esteve presente na grande totalidade dos caso em início de oração. Encontramos apenas uma

- ocorrência de acordo com a GT.
- 4) O uso do clítico quando não ocorre o que a GT convencionou de “atrator de próclise” e, portanto, deveria ocorrer a ênclise, é a próclise (93%).

[12] SCHEI, A. A Colocação Pronominal do Português Brasileiro: a língua literária contemporânea. São Paulo: Humanistas, 2003.

4 CONCLUSÕES

Concluimos, a partir da análise dos dados aqui utilizados, que a diferença entre a *prescrição* da regra e o *uso* é mais significativa quando a gramática tradicional prescreve o uso da ênclise, o que atesta a preferência do PB pela próclise.

As diferenças são mais significativas nos contextos atestados pela GT como passíveis de divergência entre o PB e o PE, como nos contextos de locução verbal (onde preferimos a utilização do pronome solto), ao contrário da imposição da normal lusitana em nossas gramáticas.

Os resultados obtidos demonstram a veracidade da afirmação de Schei (2003), a qual reflete a existência de certa diferença entre a *prescrição* e o *uso*, no que tange à colocação do pronome clítico.

Essa pesquisa não esgota os estudos acerca da colocação dos pronomes clíticos, ao contrário, aponta para a necessidade de novas investigações, com novos *corpora*, a fim de descrevermos melhor o Dialeto Mineiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ALI, Manuel Said. Gramática Secundária da Língua Portuguesa. 8ª Edição revista e comentada de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, pelo Professor Evanildo Bechara. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- [2] BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37ª ed. Rev. ampl. E atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- [3] CUNHA, C. e CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 8ª Ed. Lisboa: Edições João Sá Eda Costa, 1985.
- [4] DUARTE, M. E. L. Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. São Paulo. Dissertação de Mestrado PUC, 1986.
- [5] GALVES, C. e ABAURRE, M. B. M. Os Clíticos em Português: elementos para uma abordagem sintático fonológica. 1996.
- [6] LABOV, W. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- [7] LOBO, T. A colocação dos clíticos em Português: duas sincronias em confronto. Lisboa. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1992.
- [8] LUCCHESI, D. e MOTA, J. A. Análise de variáveis sociolinguísticas na colocação dos pronomes átonos. *Estudos*. Salvador, 11:159-75. 1991.
- [9] NUNES, J. M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição do objeto no Português Brasileiro. In: ROBERT, I.; KATO, M.A. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Da UNICAMP 207-22. 1993.
- [10] PAGOTTO, E.G. A posição do clítico em Português: um estudo diacrônico. Campinas. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. 1992.
- [11] ROCHA LIMA, C. H. da. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. Prefácio de Serafim da Silva Neto. 35ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.